

"minha história não tem começo"

maria alyokhina

Minha história não tem começo. Não há outra história como essa. Há uma impossibilidade no que está acontecendo, e de recontar com a ajuda de palavras. Eu duvido que haja alguém disposto a confirmar minhas palavras. E haverá muitos que se oporão a elas. Primeiro sem entusiasmo, depois de uma maneira mais alegre e, no fim, até vivamente, eles dirão a você que tudo está ok aqui. Ou até mesmo "bem". Tudo está bem na IK-28, dizem as prisioneiras, a administração, os experts em "direitos humanos".

IK-28 - uma colônia penal na região de Perm cercada por fábricas e floresta boreal. Há certa ironia no fato de eu já ter feito parte do movimento ambiental e ter terminado em uma zona na qual todos nós estamos respirando as emissões da indústria perigosa. Tudo ao meu redor é cinza, até mesmo se for de uma cor diferente. Continua a ter sombras de cinza. Tudo: as construções, a comida, o céu, as palavras. É uma anti-vida em uma área autônoma do espaço.

As pessoas são trazidas para cá, no meu caso de Moscou, passando por três prisões (em

Kirov, Perm e Solikamsk). Três vagões sem janelas (Stolypin) e uma multidão de vans policiais. Quando a última delas chegou até o alto portão de ferro, trouxe 19 pessoas. 19 novas prisioneiras, futuras costureiras/operadoras de máquinas de costura, cortadoras e trabalhadoras subsidiárias.

"Consiga liberdade condicional mais cedo. Para alcançar isso, você precisa trabalhar 12 horas por dia por milhares de rublos por mês, não reclame, enquadre, informe, seja silenciosa e suporte."

Nós estamos andando pelos portões até o lugar onde nós seremos revistadas, curvadas sob o peso das sacolas. Eu tenho três delas e o peso total é quase igual ao meu próprio.

Nós entramos no prédio, rodeado por um muro de pedras - cela de isolamento e PKT [prédios de punição]. Aqui todas as roupas serão tiradas e nós seremos levadas ao prédio da solitária vestindo as mesmas túnicas.

Na solitária, adaptação das prisioneiras-ou melhor, aprenda a se acostumar com a rotina da prisão. Se acostume a pular da cama às 5h30 da manhã e corra para o banheiro (exceto eu, ninguém chama isso de "banheiro"): lá têm três pias, duas privadas, quarenta prisioneiras. Nós temos que nos apressar e às seis nós corremos, em grupos de dez, até a cozinha

para o café da manhã. Você precisa chegar até o depósito de bens pessoais, onde todas as suas coisas, inclusive comida, são deixadas - é claro, se quisermos uma xícara de chá. De qualquer forma, você deve chegar lá porque seu pijama não pode ser deixado debaixo do seu travesseiro. Depois de duas semanas lavando as mãos na água glacial, minhas mãos não parecem mais mãos. Eu posso lavá-las com água aquecida, mas há uma fila e nós temos que correr. Eu terei que continuar correndo continuamente por mais um ano e meio. Estou me acostumando com isso. Nós todas estamos nos acostumando com isso na chamada "sala de estar" - PVR: regulamento interno da prisão.

PVR - sustentada por regras de ordem interna, quer dizer que enquanto estamos na solitária nós devemos aprendê-las de cor, e isso não é uma piada. Não exatamente aprendê-las com o coração, mas todo dia nós nos sentamos para ouvi-las enquanto alguém as lê em voz alta. É assim que esse quarto ganha o nome de PVR. Há até uma placa correspondente na entrada sobre a porta. Nós entramos no PVR para ler as PVRs. Nada absurdo. É ordenado não dormir no PVR (existem câmeras de vídeo nos cantos); e eu vou para o jardim para limpar a neve com uma pá de ferro. O jardim não é exatamente um jardim, mas uma pequena quadra de terra rodeada por um arame preso a cada alojamento.

É ordenado não dormir. Você deve inventar tarefas para se ocupar: amarrar cigarros com linhas (pacotes são banidos: todos são desmontados durante a revista, e todos os cigarros são jogados em um grande saco), colocar os fósforos de volta nas caixas, costurar etiquetas com nomes nos uniformes, fazer um inventário das coisas. É ordenado não dormir. Dormir na PVR é uma violação das regras, etiquetas com nomes mal costuradas são uma violação, um só botão desabotoado durante a chamada é uma violação.

Uma tríade "crime-punição-correção" - qualquer conceito acerca desses termos é insignificante. Na realidade, aqui eles estão apenas procurando violações. A questão principal para a manipulação é uma liberdade condicional antecipada [UDO, em russo]. Você pergunta: você quer liberdade condicional [UDO]? Então, se adapte. Cerca de metade das conversas são sobre a condicional [UDO]. "Quando é sua condicional [UDO]?", "Você acha que você sairá antes?", "O que você fará lá fora depois da condicional?", "Eu desejo que isso aconteça logo".

Conseguir uma liberdade condicional [UDO] não é muito difícil. Para conseguí-la, costure por 12 horas por dia por no máximo mil rublos por mês, não escreva reclamações, enquadre as outras, informe, infrinja o que restou dos seus princípios, seja silenciosa e suporte - e assim você se adapta.

Há uma espécie de sistema de "ascensão social" - uma série de critérios que são usados pelo conselho de condicional para decidir (por segui-los ou não) quando você está "reformado ou não". Eles também são lidos em voz alta: não quebre as regras, trabalhe, participe dos eventos, visite a biblioteca, o psicólogo, a sala de reza (não está todo mundo cansado de dizer que nós temos um Estado secular?). Tenha relações sociais externas, o que quer dizer: não perca o contato com a sua família.

Como resultado, todo o conjunto de ações das prisioneiras é executado para preencher as exigências rumo à condicional, e não porque isso é um resultado de seu desenvolvimento pessoal. Em minha última conversa com a psicóloga, ela comparou isso ao desenvolvimento de uma carreira profissional, citando a si mesma como exemplo: "Nós, os militares, temos o mesmo sistema", disse. Essa é a amarga verdade: metade do país tem o mesmo conjunto de regras que aqueles que são condenados por crimes. O país não precisa de personalidades, precisa daqueles que se adaptam. "E nada irá mudar", dissemos eu e uma outra prisioneira em uma só voz. Nós apenas fizemos uma escolha diferente em uma situação desesperançosa.

"Cair no sono na PVR é uma violação, costurar pobremente as etiquetas com os nomes é uma violação, um só botão

desabotoado no casaco durante a chamada é uma violação".

É desesperançoso se acostumar com isso. É desesperançoso lutar contra isso. "Eu penso - ela continuou - que terroristas atacam aviões ou teatros, mas nunca, em lugar algum, eles fazem ataques à prisão". "Porque ninguém precisa de nós", essa é a minha conclusão automática, num sussurro. Até aquele momento, tarde da noite, quando o próximo turno de trabalhadores chega à fábrica, por um segundo eu sinto uma terrível unidade entre eu e a pessoa que passa mais de 20 anos na prisão: a unidade em não ser desejado, em ser rejeitado nos olhos da "sociedade", das autoridades, dentro do mundo da morte, que paradoxalmente dá luz às pessoas da ZONA.

Tradução do inglês por Flávia Lucchesi.

[Maria Alyokhina é integrante da banda Pussy Riot. Junto a outras duas integrantes do grupo, Nadezhda Tolokonnikova e Ekaterina Samutsevich, foi presa em março de 2012 após a realização do concerto punk "reza-punk Virgem Maria, leve o Putin embora", no altar da Catedral do Cristo Salvador, em Moscou. Alyokhina e Tolokonnikova continuam encarceradas nos chamados campos de trabalho. Essa carta foi escrita em 14 de dezembro de 2012 e publicada pela primeira vez pelo periódico russo New Times.]